

Artigo

Apropriação de conceitos de Gilbert Simondon por pensadores anarquistas contemporâneos: tornando visíveis afinidades eletivas

Gilson Leandro Queluz¹

¹ Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)
gqueluz@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0728-1218>

Resumo

O artigo discute a apropriação de conceitos do filósofo francês Gilbert Simondon pelo pensamento anarquista contemporâneo, especialmente na reflexão sobre a tecnologia. Com esse objetivo, apresentamos a aproximação entre o anarquismo e Simondon, utilizando os textos do filósofo e historiador Daniel Colson. Posteriormente, desenvolvemos a análise da problematização de conceitos de Simondon para a discussão da tecnologia realizada por pensadores libertários, como o filósofo e ativista basco Xabier Barandarian e o proponente do tecnoanarquismo, A. T. Kingsmith. Esta análise demonstra que o processo de apropriação crítica dos conceitos simondianos interage com uma longa tradição dos valores e lutas que permeiam as diversas faces da teoria crítica anarquista da tecnologia, fortalecendo a conscientização sobre novas potencialidades relacionais entre o objeto técnico e os seres humanos, o que pode implicar rupturas com visões lineares e deterministas da ciência, da tecnologia e da sociedade.

Palavras-chave: Teoria anarquista da ciência e tecnologia; Anarquismo e tecnologia; Anarquismo

Appropriation of Gilbert Simondon's concepts by contemporary anarchist thinkers: making elective affinities visible

Abstract

This article discusses the appropriation of concepts from the French philosopher Gilbert Simondon by contemporary anarchist thought, especially in its reflections on technology. To this end, we present the connection between anarchism and Simondon, using the texts of the philosopher and historian Daniel Colson. Subsequently, we analyze the problematization of Simondon's concepts in the discussion of technology by libertarian thinkers, such as the Basque philosopher and activist Xabier Barandarian and the proponent of techno-anarchism, A. T. Kingsmith. This analysis demonstrates that the process of critical appropriation of Simondonian concepts interacts with a long tradition of values and struggles that permeate the various facets of anarchist critical theory of technology, strengthening awareness of new relational potentialities between the technical objects and human beings, and potentially leading to ruptures with linear and deterministic views of science, technology, and society.

Keywords: Anarchist theory of science and technology; Anarchism and technology; Anarchism

1. Introdução

Pretendemos, neste texto, discutir, de maneira introdutória, a apropriação de conceitos do filósofo francês Gilbert Simondon¹ (1924-1989) pelo pensamento anarquista contemporâneo, especialmente na reflexão sobre a tecnologia. Gilbert Simondon foi professor da Sorbonne desde 1963, onde dirigiu um laboratório de estudos de psicologia geral e de tecnologia. As suas duas principais obras são *A Individuação à Luz das Noções de Forma e de Informação* (Simondon, 2020a) e *Do Modo de Existência dos Objetos Técnicos* (Simondon, 2020b). Ele é um dos principais pensadores da contemporaneidade, o filósofo da individuação e da individuação técnica, que nos desafia a um processo de “*conscientização do modo de existência dos objetos técnicos*” (Simondon, 2020a, p. 39), que possibilite a superação da alienação técnica e a constituição de uma cultura técnica.

A apropriação de conceitos simondianos por alguns libertários contemporâneos se reveste de interesse, tendo em vista uma longa tradição do pensamento anarquista sobre ciência e tecnologia, que se iniciou com o próprio movimento libertário na segunda metade do século XIX, com originais reflexões de Kropotkin, Reclus e Bakunin. Teve continuidade ao longo do século XX com pensadores como Bookchin (1999), possibilitando a consolidação do que Thorpe e Welsh (2008) denominam como uma teoria anarquista da ciência e da tecnologia, Gordon (2008) de teoria política da tecnologia e Kingsmith (2017) de tecnoanarquismo. É neste contexto que pretendemos compreender o diálogo de alguns libertários contemporâneos com a obra de Simondon, especialmente as afinidades eletivas² com a sua filosofia da tecnologia.

Em um primeiro momento, apresentaremos a aproximação entre o anarquismo e Simondon, utilizando os textos do filósofo e historiador Daniel Colson.³ Em um segundo momento, a problematização de conceitos de Simondon para a discussão da tecnologia por pensadores libertários será exemplificada a partir de textos do filósofo e ativista basco Xabier Barandarian e do proponente do tecnoanarquismo A. T. Kingsmith.

2. Daniel Colson e a aproximação anarquista com uma plasticidade inquietante

O anarquista francês Daniel Colson dialogou constantemente com a obra de Simondon para problematizar o anarquismo de várias formas e conotações. Todavia, aqui nos restringiremos a demonstrar suas aproximações com Simondon em temas como os entrecruzamentos entre as noções de anarquia e o conceito de ápeiron; os processos de individuação e o devir/autonomia do ser; a superação das fronteiras entre cultura e natureza; a constituição de subjetividades e coletividades; anarquismo, história e resistência.

1 Para uma introdução a obra de Gilbert Simondon ver: Chabot (2013) e Bontems (2017).

2 Utilizaremos de forma livre o conceito de afinidade eletiva proposto por Michael Lowy, “*afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentidos, em uma relação de atração e influência recíprocas, escolha mútua, convergência ativa e reforço mútuo*” (Lowy, 2011, p. 139).

3 Este artigo é *in memoriam* de Daniel Colson (1943-1926), falecido em janeiro deste ano. Observamos que a aproximação entre o anarquismo e Simondon também é estudada por Arianne Conty (2021) em sua reflexão sobre as convergências deste com as ideias da pensadora libertária Catherine Malabou.

No artigo *Anarquismo Hoje*, Colson (2012) afirma que se inscreve dentro de um terceiro momento do anarquismo⁴, aquele que ascende nos anos 60 e que tem como principais inspiradores, Deleuze⁵ e Foucault. Catherine Malabou, partícipe deste mesmo momento, lembra-nos que o anarquismo é, nos dizeres de Bakunin, “*uma verdadeira força plástica*”, sendo a “*única forma política que está sempre sendo inventada, moldada antes de existir, precisamente porque não depende de um começo ou comando, o anarquismo nunca é o que é*” (Malabou, 2023, p. 214). É por esta plasticidade inquietante que, em seus textos, Colson procura aproximar o anarquismo das reflexões de Gilbert Simondon, como inspiração para problematizar as relações constituintes para o anarquismo dos processos de individuação e subjetividades, de indivíduos e coletividades.

Para percebermos a importância de Simondon para a reflexão anarquista de Daniel Colson, resgatamos o seu comentário sobre uma das suas principais metas na obra, *A Little Philosophical Lexicon of Anarchism from Proudhon to Deleuze*,

tornar visíveis as afinidades secretas que, na perspectiva deste movimento, unem filósofos e teóricos tão aparentemente díspares como Spinoza, Leibniz, Stirner, Proudhon, Bakunin, Tarde, Nietzsche, Bergson, Foucault, Simondon e Deleuze, entre outros⁶ (Colson, 2019, p. 30).

Nesta obra, Colson, conforme Acácio Augusto, “*busca aproximações e distanciamentos no campo de luta das práticas discursivas, levando ao limite do possível o sentido anárquico da palavra libertário*” (Augusto, 2007, p. 289). O autor procura, no seu léxico anarquista, afastar-se de taxinomias e classificações que, segundo ele, estariam enquadradas no registro da ordem dominante. Desta forma, apesar de vários dos autores contemporâneos citados, como Simondon, não se autodefinirem como anarquistas, ou não se aproximarem explicitamente de concepções libertárias, suas ideias inovadoras possibilitam a Colson, “*adicionar novas palavras ao vocabulário libertário, rever antigas*” (Augusto, 2007, p. 289), estabelecendo novas conexões e dimensões, trazendo uma melhor compreensão do anarquismo como “*um projeto comum a uma infinidade de situações, a uma infinidade de maneiras de compreender, perceber e agir*” (Colson, 2019, p. 29)⁷

Para Colson (2013), sinteticamente, Simondon pode ser objeto de ao menos duas leituras que seriam contraditórias. De um lado, um Simondon relativamente confiante,

aquele da terceira parte do *Du mode d'existence des objets techniques*, no qual as “fases” do ser reenviariam às “etapas” de um tipo de “antropologia genética” e “cultural”, de uma evolução senão harmoniosa em sua descontinuidade, pelo menos ordenadora do devir do homem (Colson 2013, p. 227).

4 Para Colson o primeiro momento do anarquismo seria aquele relativo à “*sua aparição como corrente filosófico-política. Está ligado às transformações e à situação explosiva na Europa no cerne do século 19, mais particularmente aos acontecimentos e movimentos revolucionários de 1848*” (Colson, 2012, p. 76). O segundo momento “*se cristaliza em Londres, em 1864, com a criação da Primeira Internacional, e desaparece mais precisamente em Barcelona, em maio de 1937*” (Colson, 2012, p. 79). Para Colson no terceiro momento, a *French Theory*, de Foucault e Deleuze, teria possibilitado a renovação do pensamento libertário do final do século XIX. Observemos a parcialidade desta reflexão, tendo em vista que o mesmo período também assistiu à renovação do pensamento libertário a partir de outras matrizes conectadas com as tendências emancipatórias e socialistas do anarquismo clássico, como a Ecologia Social de Bookchin, o platformismo e o especificismo, entre outras.

5 Colson (2013) indica que sua abordagem de Simondon é inspirada por aquela realizada por Deleuze e Guattari na obra *Mil Plátos*.

6 As traduções são de responsabilidade do autor.

7 Nos comentários sobre esta obra de Colson, Nathan Jun, considera que a visão excessivamente abrangente de Colson sobre o anarquismo pode tender para a “*incoerência e perda de significado*” do conceito de anarquismo (Jun, 2018, p. 2).

De outro lado, um Simondon inquieto, que seria mais afeito à visão anarquista de Colson, na qual o encadeamento dos modos de individuação, dos modos de ser e de pensamento, não seria capaz de “*ocultar uma relação do ser como puro devir*”, escapando, assim, “*a toda universalização e unificação antropológica*” (Colson 2013, p. 227).⁸

Nessa perspectiva, Colson refere-se ao pensamento de Simondon para elaborar uma série de verbetes do livro citado (Colson, 2019). Por exemplo, ao apresentar o conceito de “carga da natureza” de Simondon, ele o conecta à sua própria definição de anarquia,

Conceito usado por Gilbert Simondon para indicar o poder do exterior que todo ser coletivo contém. A carga da natureza é outra palavra para anarquia. [...] Como Gilbert Simondon, o anarquismo não considera que a expressão da especificidade humana e seu pleno florescimento consistam em sermos distintos da natureza. Ao contrário, consiste na capacidade dos humanos de encontrar dentro de si e fora de si – já que seu “interior” é apenas uma dobra do exterior (ver este termo) – a natureza da qual emanam, mesmo que sua individuação provisória e reducionista os leve a considerá-la como um ambiente externo a ser explorado e dominado (Colson, 2019, p. 50-51).

Esta recusa em separar os humanos e a natureza, percebida por Colson em Simondon, é uma marca constituinte do anarquismo já nos seus primórdios, estando presente nos textos de Elisée Reclus, ou na conceituação de ajuda mútua de Kropotkin. Como nos lembra Catherine Malabou (2023, p. 219), a “*questão do ser anarquista é a questão da vida como sobrevivência. A sobrevivência na Terra, mesmo inscrita na memória biológica dos indivíduos, é política desde o início*”.

Colson articula o pensamento libertário sobre as relações entre cultura e natureza ao de Simondon ao desenvolver o verbete, *Poder do lado de fora*

Entre os filósofos contemporâneos, Gilbert Simondon faz, sem dúvida, o esforço mais concertado e positivo – em particular com os conceitos de ápeiron, o pré-individual ou o indeterminado – para sair do círculo da ordem existente (um círculo mágico e vicioso) e da prisão do humanismo, recusando a oposição entre cultura e natureza, entre humano e não humano [...]. Em oposição ao humanismo dominante, para Simondon e para o pensamento libertário, trata-se muito mais de afirmar a especificidade da existência humana, que reside precisamente na sua capacidade de se abrir ao outro, ao que não é ele próprio e, portanto, ao que não é humano, de se abrir ao exterior que está dentro de si, ao poder polimórfico da natureza ou do ser (Colson, 2019, p. 186).

Também interessa ao anarquismo, na visão de Colson, a ideia de Simondon de que “*em vez de apreender a individuação a partir do ser individuado, é preciso aprender o ser individuado a partir da individuação*” (Simondon, 2020a, p. 27). Tendo em vista a importância do conceito de individuação para o anarquismo, Colson cria um verbete sobre este conceito, citando Simondon:

⁸ Em outro referencial teórico, aquele da teoria crítica, Marcuse também percebeu este radicalismo subjacente de Simondon, em sua defesa de integrar “*a tecnologia com os seres humanos e a natureza*” (Feenberg, 2015, 264).

Mas é Gilbert Simondon quem fornece a teoria mais desenvolvida de uma concepção do ser como devir, uma teoria na qual os indivíduos são sempre mais do que são (ver genealogia e ilimitação do limitado), porque são resultantes de um processo incessante de individuação (Colson, 2019, p. 121).

De acordo com Colson, o exterior para o qual o anarquismo apela se refere ao pré-individual de Simondon, o *ápeiron*,

Um conceito grego que significa simultaneamente ignorância e infinito. Usado por Anaximandro para pensar o fundamento indefinido e não especificado do qual nasce perpetuamente a infinidade de seres, o conceito de *ápeiron* – importado para o pensamento moderno por Gilbert Simondon em particular – é muito próximo do conceito de anarquia e contribui para o pensamento da anarquia (Colson, 2019, p. 37).

Segundo Conty (2021, p. 119), Colson, ao comparar o *ápeiron* de Simondon ao arquétipo da anarquia, “*mostra que essa ausência de primeiros princípios deve ser entendida como a fonte de toda espontaneidade, um caos originário que contém em si todos os devires potenciais como sementes à espera de água e luz solar*”.

Este caos seria expresso na própria constituição do anarquismo, naqueles momentos revolucionários de meados do século XIX, em que anarquistas descrevem o terror do qual são tomados, a angústia da completa abertura para o indeterminado, para o devir absoluto, para o *ápeiron*. Colson (2019, p.189) destaca que Simondon enfatizou uma experiência semelhante em seu texto sobre a angústia: “*se a experiência da angústia pudesse ser suficientemente suportada e vivida, ela conduziria a uma nova individuação no interior mesmo do ser, a uma verdadeira metamorfose*” (Simondon, 2020a, p. 381).

O grande interesse do texto de Simondon, para Colson, estaria em pretender fazer dessas experiências-limites ou excepcionais, vivenciadas pelos anarquistas nos processos revolucionários, “*os elementos reveladores de toda existência subjetiva possível*” (Colson, 2013, p. 237).⁹

Ao discutir a questão da hagiografia anarquista, Colson enfatiza a importância de Simondon para pensarmos memória, história e resistência, no sentido de considerar eternamente presente o “*gesto desesperado e anônimo do escravo em revolta*”, não como uma mera imagem, mas “*como um ser transdutor*”, como uma experiência que deixou sua marca no meio de onde emergiu e adquiriu seu significado, cuja aniquilação “*pressuporia a aniquilação do meio*” (Colson, 2019, p. 110).

No texto *Crise coletiva e desenraizamento subjetivo*, Colson (2013) procura aproximar estas discussões de Simondon sobre processos de individuação, história e resistência, da experiência de desenraizamento subjetivo causado em autores como Proudhon, Bakunin e Courderoy pelo processo revolucionário de 1848, o qual coincide e instiga o surgimento do anarquismo em meados do século XIX (Colson, 2013, p. 227).

9 Para Colson, esta característica se expressaria no pensamento de Proudhon, por exemplo no conceito de anarquia positiva, “*Parece-me que esta palavra lhe servia, sobretudo, para distinguir entre uma espécie de anarquia de primeira linha, no sentido tradicional e negativo de ‘an-anarquia’, de caos, e um segundo sentido, a auto-organização no seio desse caos, a auto-organização desse mesmo caos, mediante todo um processo de seleção de forças, de disposições, em oposição e em equilíbrio, etc.*” (Colson, 2016, p. 6)

Para Colson, essa experiência de desenraizamento subjetivo refere-se à perda de si mesmo, ou melhor, na ebulição dos acontecimentos revolucionários, “*da perda de sua individualidade em proveito de subjetividades novas e indeterminadas*” (Colson, 2013, p. 228). Colson cita Bakunin, que teria expressado de maneira imediata o estranhamento de uma situação fora da norma, que escaparia à ordem do mundo habitual: “*Parecia que todo o universo havia sido revirado, o incrível havia se tornado habitual, o impossível possível*” (Bakunin, 1851, *apud* Colson, 2013, p. 229).

Este impossível tornado possível de Bakunin proclamaria, segundo Colson (2013, p. 235), a “*suposta potência de um ‘para-si’ capaz de escapar aos quadros, códigos, papéis, às funções e às determinações que pretendem defini-lo*”. Essa seria uma das principais intuições do projeto anarquista que nascia enraizado na emergência dos processos revolucionários: “*a percepção da autonomia absoluta dos seres [...] como condição de recomposição de um mundo que não seria mais uma prisão*” (Colson, 2013, p. 235).

Colson afirma que é possível fazer um encontro destes textos com Simondon quando este, ao retomar a discussão sobre a emoção, mostra seu “*poder de ‘colocar em questão o ser individual’, sua potência de ‘desadaptação’, sua capacidade de abrir os indivíduos, a partir da ‘desordem invasiva que os atravessa’*” (Colson, 2013, p. 235). Neste sentido, a anarquia pode ser pensada como “*construção incessante de novas subjetividades*” (Colson, 2013, p. 244).¹⁰

Esta ideia seria desenvolvida em outros textos, como *Anarchist Subjectivities and Modern Subjectivity*, no qual Colson (1996) discute as coletividades constituídas em torno do anarcossindicalismo e comenta:

Variáveis em tamanho, conteúdo e estrutura, enredados uns nos outros, tais arranjos ou agentes coletivos não se limitam a fornecer algumas das condições que podem variar a intensidade, a qualidade e os objetivos da vontade individual ou a apresentar a garantia externa da singularidade individualista. Eles também tendem a romper a semelhança e o fechamento ilusórios dos indivíduos aos quais se juntam ou, melhor ainda, como demonstra G. Simondon, a revelar dentro deles os potenciais que são anteriores à sua individuação (Colson, 1996, p. 8).

As coletividades anarquistas seriam espaços onde seria possível superar a patologia mental que “*aparece quando falta a descoberta do transindividual, ou seja, quando a carga de natureza que é inerente ao sujeito não consegue encontrar outras cargas de natureza em outros sujeitos*” (Colson, 2019, p. 232). Deste modo, a transindividualidade, conceito proposto por Gilbert Simondon (2020a, p. 23), “*que tende a dar conta da unidade sistemática da individuação interior (psíquica) e da individuação exterior (coletiva)*”, permitiria pensar a maneira como as subjetividades emancipatórias podem se formar, ao se encontrarem nos espaços libertários constituídos e constituintes da luta social, espaços do estabelecimento de novas relações sociais, para além da falsa oposição entre sociedade e indivíduo.

Aqui, preparando a transição para a próxima seção sobre anarquismo, ciência e tecnologia, gostaríamos de exemplificar concretamente esta interpretação de Simondon feita por Colson ao discutir a constituição dos sindicatos libertários como espaço de produção de políticas e práticas anarquistas, especialmente através da ação direta sobre a ciência e a sociedade:

¹⁰ Neste sentido, para Colson a subjetividade é sempre coletiva (Colson, 2016, p. 12). Para o anarquismo, não há diferenças de natureza entre o “indivíduo” e o “grupo”. Como sublinha Proudhon “*o indivíduo é um grupo*”, e qualquer “*grupo é um indivíduo*” (Colson, 2016, p. 14).

“Laboratório de lutas econômicas”, segundo a expressão de F. Pelloutier, o sindicato torna-se, assim, o novo cadinho alquímico da revolução social onde, como o pedreiro que trabalha a pedra, o mineiro que busca os metais, o proletário, por meio de suas manipulações e preparativos, “usa as formas de ação que o movimento carrega, [...] extrai-as, externaliza-as”. Ou, de outra forma, mais impessoal, usando o vocabulário científico moderno de “informação” e “eletromagnetismo” empregado por G. Simondon, poderíamos dizer que o sindicato libertário — assim como as câmaras corporativas da Primeira Internacional, as sociedades secretas, os grupos de afinidade, os preparativos químicos e os ataques — é concebido como uma “tensão informacional”, um “arranjo capaz de modular energias muito maiores” (Colson, 1997, p. 21).

3. Modos libertários de existência técnica

Nesta seção, pretendemos apresentar algumas posições libertárias sobre ciência e tecnologia como as de Barandiaran e Kingsmith que realizam apropriações do pensamento de Simondon¹¹.

As atitudes dos anarquistas clássicos do século XIX, como Kropotkin e Bakunin, em relação à ciência e à tecnologia oscilaram entre uma dura crítica impulsionada pelas experiências negativas do seu papel no capitalismo industrial, e um otimismo em torno do desenvolvimento científico e tecnológico e do seu papel transformador numa sociedade pós-capitalista. Bakunin criticava a separação entre ciência e vida, e o potencial enquadramento e esquadramento da realidade humana pelas visões tecnocráticas. Contudo, considerava que a ciência e a tecnologia eram potencialmente emancipadoras, desde que não fossem utilizadas e desenvolvidas de maneira autoritária, hierárquica, a serviço dos interesses do capital, mas apropriadas pelo povo, de forma coletiva, descentralizada e voltada para os interesses comunitários (Thorpe; Welsh, 2008).

Contemporaneamente, Uri Gordon (2008) reafirma a característica da ambivalência na relação dos anarquistas com a tecnologia. Por um lado, segundo ele, os libertários estão envolvidos em muitas resistências à introdução de novas tecnologias, desde a biotecnologia e nanotecnologia até tecnologias de vigilância e guerra. Ao mesmo tempo, entre os movimentos sociais, os anarquistas têm feito o uso mais extensivo e engajado das tecnologias de informação e comunicação, ao ponto de desenvolverem as suas próprias plataformas de *software*. O posicionamento de Gordon é de “*que muitas tecnologias que têm uma natureza inerentemente centralizadora e orientada para o lucro só podem suscitar uma atitude de resistência abolicionista por parte dos anarquistas*” (Gordon, 2008, p. 111). Por outro lado, destaca a atração dos anarquistas pela Internet como uma plataforma tecnológica passível de apropriação local e descentralizada, observando sua visão desiludida das “*qualidades opostas das infraestruturas informáticas e de comunicações que permitem que tal plataforma funcione*” (Gordon, 2008, p. 111). Também, enfatiza “*áreas nas quais os anarquistas seriam levados a adotar e desenvolver abordagens alternativas para modificar o mundo natural*”, exemplificando a “*permacultura e a inovação low-tech como partes da faceta construtiva de uma política anarquista de tecnologia*” (Gordon, 2008, p. 111).

¹¹ É importante ressaltar que Kingsmith e Barandiaran não foram influenciados por Colson nesta apropriação dos conceitos de Simondon.

Uri Gordon comenta, a partir destas práticas, a possibilidade de uma política anarquista da tecnologia. Um dos esforços neste sentido é a teoria do tecnoanarquismo de Kingsmith (2017) que, para desenvolvê-la, utilizou conceitos de Simondon como um dos inspiradores de sua reflexão. No seu texto sobre tecnoanarquismo, esboça algumas ideias fundamentais “sobre epistemologia, tecnologia e política que falam de processos de experimentação com os meios digitais de uma era da Internet em rápida aceleração” (Kingsmith, 2017, p. 34). O que ele procura é um meio de dar sentido às múltiplas crises enfrentadas contemporaneamente, pensando as materialidades do poder para “*melhor compreender os processos de subjugação do capitalismo*” (Kingsmith, 2017, p. 34). Como resultado, apresenta uma “mesopolítica de contingência”, um conjunto de “*pragmática tecnoanarquista que inclui, mas não está limitada a: descentralização, código aberto, anonimato, contingência e absurdo*” (Kingsmith, 2017, p. 34).

É no contexto de discussão de políticas de integração dos componentes desta mesopolítica que cita os filósofos da tecnologia como Simondon e Stiegler que, segundo ele, “*afirmam que os humanos sempre estiveram integrados nos seus ambientes e co-evoluíram com eles*” (Kingsmith, 2017, p. 38)¹². Interpreta-os ressaltando que na sua forma e funcionamento, as tecnologias de informação teriam “*constituído as nossas relações sociais, políticas e econômicas – como fatores diretos das territorializações do capitalismo*” (Kingsmith, 2017, p. 38). Para ele, portanto, “*os meios tecnológicos constituem uma sociedade global, não apenas pelas mensagens e significados que transmitem, mas pelas características dos próprios meios*”, explicando que “*os significados integrados das formas técnicas são inseparáveis do conteúdo social das formas*” (Kingsmith, 2017, p. 38).

Kingsmith também comenta que uma das bases do seu tecnoanarquismo é que sempre se deve “*ter cuidado com as tendências iminentes de se congelarem em movimentos partidários fixos que apenas reproduzem e expandem as desigualdades hierárquicas e as subjetividades individualizadas do capitalismo neoliberal*” (Kingsmith, 2017, p. 41). Em vez disso, para disseminar uma política de não cooptação, propõe, a partir de Simondon, preparar as “*nossas intervenções num estado disperso e fluido de devir transversal*” (Kingsmith, 2017, p. 41). Tais intervenções viriam da ideia básica de que “*a informação quer ser livre*”¹³. Para os tecnoanarquistas, segundo ele, a tecnologia possuiria “*um caos interno, uma potencialidade, que a torna vitalmente incompatível com noções privatizadas e regulamentadas de software proprietário, direitos autorais, patentes e serviços de assinatura*” (Kingsmith, 2017, p. 41).

Uri Gordon cita como um dos principais pensadores contemporâneos da teoria política tecnológica anarquista, Xavier Barandiaran, sendo a “*sua teoria explicitamente anarquista vinda da cena dos Hacklabs*” (Gordon, 2008, p. 120)¹⁴.

Xavier Barandiaran (2024) e Lola Almendros, no artigo *Transforming Agency. On the mode of existence of Large Language Models*, investigam a caracterização ontológica de Large Language Models (LLMs) como o ChatGPT, prestando especial atenção ao seu estatuto de agentes. Os

12 Kingsmith se refere ao conceito de meio associado de Simondon (2020b, p. 105-106): “Podemos afirmar, portanto, que a individualização dos seres técnicos é a condição do progresso técnico. Ela é possível pela recorrência da causalidade num meio que o ser técnico cria em torno de si e que o condiciona, assim como é condicionado por ele. Este meio, ao mesmo tempo técnico e natural, pode ser chamado de meio associado”.

13 Para Simondon, segundo Cupani (2016, p. 64) “o que importa para compreender o objeto técnico são os intercâmbios energéticos e de informação, tanto os internos ao objeto, como os que ele mantém com seu meio, pois são eles os que definem seu grau de ‘concretização’”.

14 Consideramos, não procurando rotular o pensamento de Barandiaran, que ele poderia ser compreendido como um anarquista-autonomista, pois ele continua a dialogar com suas origens anarquistas no hackerativismo (Barandiaran, 2003), dando continuidade nas suas práticas no comunalismo, na descentralização e no antiautoritarismo. Por outro lado, atualmente tem procurado desenvolver reflexões autonomistas, sintetizadas em experiências práticas de construção da autonomia tecnopolítica e enfatizando um processo de democratização participativa e de autonomia do indivíduo através da ação coletiva. Ver a sua reflexão sobre o conceito de autonomia na sua obra recém-lançada, escrita com Arantxa Etxeberria, no qual propõe um novo conceito de “Outonomy” (Barandiaran; Etxeberria, 2026, p. 3)

autores argumentam que a melhor forma de evitar a alienação não é alimentar posições inflacionistas, aquelas que *“tendem a amplificar as propriedades da LA, assimilando-as ou aproximando-as às do humano (e do sobre-humano)”* ou juntar-se às correntes deflacionistas que *“tendem a minimizar as atribuições de capacidade e a aproximar os sistemas de LA de dispositivos matemáticos ou mecânicos simples”* (Barandiaran; Almendros, 2024, p. 3), mas encontrar a categorização ontológica correta para estes sistemas. Para isto, propõem trilhar os caminhos de Simondon para identificar o modo de existência dos sistemas técnicos¹⁵ LLMs. Para eles, uma compreensão adequada do que são LLMs requer *“um mergulho profundo em sua estrutura concreta, operações e acoplamento com seu meio (humanos e outras máquinas)”*, com uma simultânea compreensão da adoção social destas tecnologias, na consciência coletiva e dos seus limites e potencialidades (Barandiaran; Almendros, 2024, p. 6).

Após uma análise sistemática, concluem que um LLM¹⁶ não consegue satisfazer as condições necessárias e suficientes para agência autônoma à luz das teorias incorporadas da mente (Barandiaran; Almendros, 2024, p. 1). Argumentam com o exemplo do ChatGPT que *“deve ser caracterizado como um interlocutor ou autômato linguístico, uma biblioteca que fala, desprovida de agência (autônoma)”*, que seria *“capaz de se envolver performativamente em tarefas não intencionais, mas estruturadas e limitadas por um propósito”* (Barandiaran; Almendros, 2024, p. 1). Os autores consideram que um LLM colocado no ambiente sociotécnico certo e, citando novamente Simondon, seu meio associado *“torna-se um interlocutor, um executor de tarefas ou mesmo um operador do tecido linguístico. A capacidade interlocutória da máquina seria real quando acoplada a outros sistemas”* (Barandiaran; Almendros, 2024, p. 32).

Desta forma, argumentam que, se algumas das características que são essenciais para a agência, como a individualidade e a normatividade, *“emergem da profunda materialidade da agência natural”*, é preciso que estejamos atentos às consequências oriundas da *“profunda digitalidade”*, que está emergindo no contexto da explosão da IA e dos *“gigantescos investimentos em capacidade computacional e de dados”* (Barandiaran; Almendros, 2024, p. 33). Eles enfatizam não ser possível descartar que esta *“profunda digitalidade”* possibilite novas formas de agência ou transformações significativas nas agências já existentes (Barandiaran; Almendros, 2024, p. 34). Contudo, e aqui novamente dialogam com as premissas de compreensão do modo de existência dos objetos técnicos propostas por Simondon, assinalam que:

Em última análise, é a organização dos processos, sua interação com seus ambientes, sua interdependência com o restante dos seres, que precisa ser examinada para revelar o **modo de existência de qualquer dispositivo**. Nenhum parâmetro ou descrição geral (estocástica, estatística, probabilística, sintática ou de qualquer outra natureza) é suficientemente informativo sobre as capacidades transformadoras potenciais das máquinas. Os LLMs não são exceção. **Seu modo de existência** é altamente dependente das formas de vida humanas (e outras). E quanto mais nossa materialidade

15 Simondon (2020b, p. 93) afirma sobre o modo de existência do objeto técnico: *“posto que o modo de existência do objeto técnico concretizado é análogo ao dos objetos naturais espontaneamente produzidos, podemos considerá-los, legitimamente, como os objetos naturais, isto é submetê-los a um estudo indutivo. Eles já não são apenas aplicações de certos princípios científicos anteriores. Uma vez que existem, provam a viabilidade e a estabilidade de certa estrutura que tem o mesmo status que uma estrutura natural, embora possa ser esquematicamente diferente de todas as estruturas naturais. O estudo dos esquemas de funcionamento dos objetos técnicos concretos apresenta um valor científico, pois esses objetos não são deduzidos de um único princípio; antes testemunham um modo de funcionamento e uma compatibilidade que existem de fato e foram construídos antes que previstos”*

16 Para uma outra interpretação de base simondiana sobre as LLMs ver, Malaspina (2024).

e digitalidade se fundirem, mais profundas serão as transformações que virão (Barandiaran; Almendros, 2024, p. 34, grifo nosso).

No artigo, *Personal Autonomy and (Digital) Technology: An Enactive Sensorimotor Framework*, Marta Perez-Verdugo e Xabier Barandiaran (2023) comentam que muitas

Tecnologias digitais, projetadas e controladas por plataformas corporativas intensivas orientadas a dados, tornaram-se onipresentes em muitas de nossas atividades diárias, o que tem levantado preocupações políticas e éticas sobre como elas poderiam estar ameaçando nossa autonomia (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 1).

No entanto, para eles, pouca atenção tem sido dada ao papel específico que suas interfaces hiperprojetadas (sensório-motoras) desempenham nesse sentido. Eles pretendem oferecer uma *“nova estrutura que possa fundamentar a autonomia pessoal na interação sensório-motora e, a partir daí, abordar diretamente como a tecnologia e o seu design afetam a autonomia pessoal”* (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 1). Desta forma, em um primeiro momento, eles problematizam as tecnologias digitais que restringem ou diminuem a autonomia pessoal.

Na sua análise ecoa a afirmação de Simondon de que *“os objetos técnicos que produzem maior alienação são aqueles destinados a usuários ignorantes”* (Simondon, 2020b, p. 364). Os autores, neste momento, dialogam com o conceito de alienação técnica de Simondon (2020b, p. 185), percebida em sua essência como a relação de descontinuidade entre *“o indivíduo humano e o indivíduo técnico”*. O termo ignorância é utilizado no sentido dado por Simondon, sobre a falta de consciência sobre o *“funcionamento operativo”* (Simondon, 2020b, p. 358) do objeto técnico, o qual implica *“como condição de possibilidade, um ato de invenção”* (Simondon, 2020b, p. 358).

Eles consideram que, realmente, *“precisamos estar atentos ao funcionamento operacional das estruturas de apoio que foram pensadas para que possamos continuar transformando e as regulando”* (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 21). Porém, dentro das tendências atuais, constatam que *“experiências massivas, dados e análises profundas, técnicas de aprendizagem estarem cada vez mais dominando o design de interfaces”* tornam impossíveis a potencialidade de invenção e a continuação da participação (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 21). Para eles, seríamos *“jogados em um mundo digital cuja estrutura”* seria *“cognitivamente impenetrável e não responde a uma invenção humana que mais tarde possa ser apropriada e reconfigurada”* (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 21). Em muitos casos, o design das redes sociais e a sua propriedade por grandes corporações conformam e simplificam excessivamente as interações,

A mediação tecnológica, então, não seria apenas um produto, mas também uma condição para esses tipos de habilidades intersubjetivas e (pré) reflexivas, e desempenharia um papel – ainda largamente inexplorado – na formação da autonomia pessoal em todas as suas dimensões, incluindo sua **transindividualidade, no sentido utilizado por Simondon**¹⁷. Além disso, a maior parte dos hábitos que as plataformas digitais exploram são de natureza social. A conformidade social é um desses hábitos e aparece

17 Simondon (2020b, p. 360) define transindividualidade como *“uma relação que não relaciona os indivíduos por meio de sua individualidade constituída, separando uns dos outros, nem por meio do que há de idêntico em todo o sujeito humano - por exemplo, as formas a priori da sensibilidade -, mas por meio da carga de realidade pré-individual, da carga de natureza que é conservada com o ser individual e que contém potenciais e virtualidades”*.

com destaque nas interfaces das redes sociais (fornecendo exibições acionáveis do que outros fizeram, gostam, apoiam, seguem, etc.) e tem sido amplamente explorado para manipular o comportamento humano (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 22, grifo nosso).

Para Perez-Verdugo e Barandiaran (2023, p.23), identificar e compreender as formas “*pelas quais as interfaces sensorio-motoras e as plataformas tecnológicas aumentam ou diminuem a nossa autonomia*” seria um caminho para recuperar, mesmo que parcialmente, a autonomia pessoal e coletiva.

Este processo de ruptura da alienação técnica, de estabelecimento pleno das relações entre o indivíduo humano e o indivíduo técnico, passa, portanto, por esta “*fundamentação sensorio-motora dos estudos de tecnologia e autonomia*” (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 23), mas também por uma conexão com as teorias das técnicas do corpo de Marcel Mauss, com o trabalho de Michel Foucault sobre tecnologia e dispositivos sociais, com o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu, reavaliado para o ambiente digital. Essas ideias poderiam ter um frutífero encontro com

a teoria contemporânea da justiça social em um duplo sentido: compreender raça e gênero como tecnologias (sociais) em si mesmas e compreender como as estruturas de dominação social estão incorporadas em dispositivos tecnológicos modernos (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 23).

Para eles, a superação da alienação técnica e o incremento da autonomia pessoal passam por um esforço de superação dos processos de exclusão sociotécnica inscritos nas estruturas políticas e sociais¹⁸.

Assim, propõem quais seriam os requisitos necessários, no mundo digital, para possibilitar o desenvolvimento de tecnologias que auxiliem o incremento da autonomia pessoal: a garantia prática, legal e técnica de acesso, modificação, compartilhamento e colaboração na concepção e implantação de infraestruturas digitais de forma recursiva, desde o nível do design gráfico até o código de computador, requisitos que exigiriam que software seja FLOSS (*Free/Libre Open Source Software*) (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 23).

Apresentam, então, o Decidim¹⁹, uma experiência concreta, na qual Barandiaran está envolvido diretamente como cofundador, destas possibilidades de desenvolvimento de uma outra relação “*entre autonomia pessoal e coletiva em plataformas digitais*”,

18 Observamos que esta construção teórica dos autores ao discutir o processo de superação de alienação técnica objetivando o processo de fortalecimento da autonomia pessoal, parece convergir, indiretamente, pois não explicitado por eles, com a crítica de Chabot aos limites da compreensão da alienação em Simondon, “*Ao tornar a questão da tecnologia puramente ontológica, ao deixar de lado todas as considerações secundárias e ao olhar sempre para o futuro, Simondon tende a esquecer o que as tecnologias realmente são. Uma tecnologia que não se relacionasse de forma alguma com capital ou consumo logo se reduziria a nada*”. (Chabot, 2013, p. 47)

19 Sobre o Decidim, ver: Barandiaran *et al.* (2024). Nesta obra os autores, diretamente envolvidos com o desenvolvimento do Decidim, o apresentam como uma tecnopolítica. O nome Decidim seria derivado do significado desta palavra em Catalão, “*nós decidimos*”. A plataforma seria descrita sinteticamente da seguinte forma: “*Decidim é um ambiente web (um framework) produzido em Ruby on Rails (uma linguagem de programação) que permite a qualquer pessoa criar e configurar uma plataforma web para ser usada como uma rede política para participação democrática. A plataforma permite que qualquer organização (câmara municipal, estado, associação, universidade, ONG, bairro ou cooperativa) crie múltiplos processos para planejamento estratégico, orçamento participativo, consulta pública, design colaborativo para regulamentos, eleições, etc. Além disso, o Decidim permite a estruturação de órgãos ou assembleias governamentais (conselhos, comissões, grupos de trabalho), a convocação de consultas e referendos e o encaminhamento de iniciativas de cidadãos ou membros para desencadear diferentes processos de tomada de decisão. Também possibilita conectar reuniões democráticas presenciais tradicionais (assembleias, reuniões de conselho, etc.) com o mundo digital: envio de convites para reuniões, gerenciamento de inscrições, facilitação da publicação de atas, etc.*”. (Barandiaran *et al.*, 2024, p. 1). A plataforma Decidim desde a sua criação em 2017, já foi utilizada por mais de 450 organizações. Além do caso mais conhecido de Barcelona, onde foi originalmente desenvolvida, com mais de 120 mil participantes registrados, ela está presente em mais de 30 países, sendo utilizada por municipalidades, governos regionais e nacionais, por cooperativas, ONGs e universidades. (Barandiaran *et al.*, 2024, p. 5-6)

uma plataforma digital de software livre usada por diferentes instituições (governos, ONGs, movimentos sociais, etc.) para promover a participação democrática. Sendo uma plataforma participativa para autogovernança, ela é projetada precisamente para aprimorar a autonomia não apenas nos diferentes processos que ocorrem por meio da plataforma, mas também no design autônomo (autogovernado e democrático) da própria plataforma (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 22).

O Decidim seria um “*projeto tecnopolítico, onde códigos legais, políticos, institucionais, práticos, sociais, educacionais, comunicativos, econômicos e epistêmicos são gerados, mobilizados e fundidos*” (Barandiaran *et al.*, 2024, p. 7). Neste sentido, seria fundamental a experiência de design participativo desenvolvida pela comunidade Metadecidim, que “*torna-se autônoma em nível coletivo, projetando, programando, regulando e personalizando a plataforma para aprimorar a autonomia de cada usuário*” (Perez-Verdugo; Barandiaran, 2023, p. 22), demonstrando a importância dos conhecimentos dos usuários no desenvolvimento de uma plataforma politicamente justa.

Podemos observar que Perez-Verdugo e Barandiaran constroem um processo análogo ao de Feenberg²⁰ ao realizarem a apropriação teórica de Simondon, ou seja, ao reivindicarem a necessidade de “*estar atentos ao funcionamento operacional das estruturas de apoio*” e problematizar os processos de alienação e transindividualização, eles politizam este processo.

A discussão de Barandiaran sobre os LLMs e sobre as hiperfaces projetadas das tecnologias digitais, traz à tona usos analíticos e práticos de conceitos desenvolvidos por Simondon, como: a necessidade de compreensão dos modos de existência dos objetos e sistemas técnicos, as potencialidades de ruptura com o processo de alienação em relação à técnica através da tomada de consciência dos funcionamentos operacionais, e do consequente fortalecimento da autonomia pessoal através da redefinição das mediações tecnológicas em um sistema técnico. Estes conceitos simondianos são, por sua vez, complementados por uma abordagem política crivada por componentes fundamentais da visão libertária de mundo que situa a tecnologia em seu enraizamento social e econômico. A crítica às estruturas de dominação, às infraestruturas do capital e, especialmente, a possibilidade de concretização da tecnologia na práxis de projetos como o Decidim, incorporam valores como democratização radical do conhecimento, comunalismo, descentralização, ação direta e autonomia pessoal.

4. Conclusão

A análise, ainda em estágio preliminar, que aqui apresentamos, demonstra um conjunto de aproximações e apropriações de Simondon por determinadas correntes do pensamento anarquista contemporâneo.

20 Para uma explicação da constituição da teoria crítica de Feenberg e o seu processo de apropriação das ideias de Simondon, por exemplo em sua teoria da concretização, ver Feenberg (2015). Feenberg sintetiza seu pensamento da seguinte forma, “*Eu tomei emprestada dele a noção de que os elementos técnicos se combinam para formar indivíduos técnicos coerentes como as máquinas, mas, diferentemente dele, eu defendo que os elementos realizam um mundo social, assim como alcançam coerência técnica*” (Feenberg, 2015, p. 269). Para superar a tendência determinista tecnológica, por ele percebida em Simondon, de que “*o motor do desenvolvimento técnico deve ser encontrado dentro de cada tecnologia e não na sociedade e suas necessidades*”, Feenberg em sua teoria da instrumentalização, utiliza os conceitos de instrumentalização primária, “*o qual reconhece a existência de uma relação técnica específica com o mundo, a tecnicidade, nos termos de Simondon*”, que seria “*acompanhada de uma instrumentalização secundária, que modela o pensamento e a ação técnicos em termos das demandas sociais*”. (Feenberg, 2015, p. 276)

Neste sentido, Daniel Colson, que se define como pertencente a um terceiro momento do anarquismo, influenciado por pensadores como Deleuze e Foucault, incorpora Simondon para realizar uma releitura do anarquismo, dos seus autores clássicos. Essa releitura lhe permite refletir e fortalecer visões libertárias sobre autonomia individual e coletiva, processos de individuação e subjetividades nas práticas anarquistas contemporâneas e na anarquia presente e futura.

Por outro lado, pensadores e ativistas libertários da área de ciência e tecnologia, como Kingsmith e Barandiaran, alinham vários conceitos advindos do arcabouço teórico de Simondon, como modo de existência dos sistemas técnicos, transindividualidade e alienação técnica, entre outros, estabelecendo afinidades eletivas. Politizam e hibridizam esses conceitos com a vitalidade das práticas libertárias contemporâneas no campo da tecnologia.

Este processo de apropriação crítica dos conceitos simondianos interage, simultaneamente, com a longa tradição dos valores e lutas que permeiam as diversas faces da teoria crítica anarquista da tecnologia. Sua polêmica sempre contundente contra o capitalismo, o Estado e todas as espécies de autoritarismos e fechamentos do pensamento, e a defesa da democratização radical do conhecimento científico e tecnológico, da descentralização e coletivização da produção do conhecimento, fortalecem a conscientização sobre novas potencialidades de interação entre o objeto técnico e os seres humanos, o que pode implicar rupturas com visões lineares e deterministas da ciência, da tecnologia, da sociedade e possibilitar um modo de existência libertário e socialista.

Referências

AUGUSTO, Acácio. Um livro para usar, brincar, jogar. **Verve**, n. 11: , p. 288-292, 2007

BARANDIARAN, Xabier E.; CALLEJA-LÓPEZ, Antonio; MONTERDE, Arnau; ROMERO, Carol. **Decidim, a Technopolitical Network for Participatory Democracy: Philosophy, Practice and Autonomy of a Collective Platform in the Age of Digital Intelligence**. Cham, Switzerland: Springer, 2024, . Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-031-50784-7>. Acesso em: 9 jul. 2026

BARANDIARAN, Xabier. (2003) Hacklabs: Tecnologías y redes de ensamblado colectivo de autonomía digital. 16 dez. 2003, v.0.9;. Disponível em: <http://www.sindominio.net/~xabier/textos/hl/hl.html>. Acesso em: 9 jul. 2026

BARANDIARAN, Xabier. E. ; ETXEBERRIA, Arantza. **Outonomy: Fleshing out the Concept of Autonomy Beyond the Individual**, . Springer: Cham, Switzerland: Springer, 2026.

BARANDIARAN, Xabier. E., & ALMENDROS, Lola S. (2024). Transforming Agency. On the mode of existence of Large Language Models. **arXiv**, 2024. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/2407.10735>. Acesso em: 9 jul. 2026

BONTEMS, Vincent. Por que Simondon? A trajetória e a obra de Gilbert Simondon. **Revista Eco Pós**, v. 20, n. 1 , p. 30-46, 2017.

BOOKCHIN, Murray. **La Ecología de La Libertad**: La emergencia e la disolución de las jerarquías. Madrid: Nossa y Jara, 1999.

CHABOT, Pascal. **The Philosophy of Simondon**: Between Technology and Individuation, . London; New York: Bloomsbury, 2013.

COLSON, Daniel. **A Little Philosophical Lexicon of Anarchism from Proudhon to Deleuze**, . Colchester; New York; Port Watson: Minor CompositionsMinor Compositon: Colchester; New York; Port Watson, 2019.

COLSON, Daniel. Anarchist Subjectivities and Modern Subjectivity. **The Anarchist Library**, 1996, in. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/daniel-colson-anarchist-subjectivities-and-modern-subjectivity>. Acesso em: 25 jan. 2025.

COLSON, Daniel. Crise coletiva e desenraizamento subjetivo. **Cadernos de Subjetividade**, (15)n. 15, p. 227–246, 2013. DOI: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossubjetividade/article/view/38526> Acesso em: 9 jul. 2026

COLSON, Daniel. La science anarchiste. **Réfractions**, n. 1, 1997. Disponível em: <https://refractions.plusloin.org/spip.php?article262>. Acesso em: 9 jul. 2026

COLSON, Daniel. O anarquismo é extremamente realista. **Portal Anarquista**, . 2016. Disponível em: <https://coletivolibertarioevora.wordpress.com/2016/10/11/daniel-colson-o-anarquismo-e-extremamente-realista/>. Acesso em: 29 jan. 2026

COLSON, Daniel. O anarquismo hoje. **Política & Trabalho, Revista de Ciências Sociais**, n. 36, pp.75-90, 2012, pp.75-90.

CONTY, Arianne. Materialisms Old and New: Individuation and Anarchy in Gilbert Simondon and Catherine Malabou. In: SWAIN, Dan., URBAN, Petr, MALABOU, Catherine., Kouba, P. (eds). **Unchaining Solidarity**: On Mutual Aid and Anarchism with Catherine Malabou.; Rowman and Littlefield: Lanham, MD, USA: Rowman and Littlefield, 2021., pp. 103–121.

CUPANI, Alberto. **Filosofia da Tecnologia**: Um convite. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

FEENBERG, Andrew. Simondon e o construtivismo: uma contribuição recursiva à teoria da concretização, . **Scientiæ Studia**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 263-81, 2015.

GORDON, Uri. **Anarchy Alive!**: Anti-Authoritarian Politics From Practice to Theory. London; Ann Arbor, MI: Pluto Press, 2008.

JUN, Nathan. A few thoughts on Colson’s Lexicon. **Anarchist Studies.blogBlog**: 20/09/, 20 set. 2018. Disponível em: <https://anarchiststudies.noblogs.org/article-a-few-thoughts-on-colsons-lexicon/>. Acesso em: 29/01/ jan. 2026

KINGSMITH, A. T. **A Schizo-Stroll**: anxious reflections on late capitalism. Toronto: Permanent Sleep Press, 2017.

LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. **Plural, : Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 129-142, 2011., p.129-142

MALABOU, Catherine. **Stop Thief! Anarchism and philosophy**. Cambridge, UK; Hoboken, USA: Polity Press, 2023.

MALASPINA, Cécile. Invention and Metamorphosis Intelligence: Automated Optimization (AO) and the Prospect of Synthetic Intelligence with Simondon and Denizhan. **I castelli di Yale online. : Annali di Filosofia**, Volv. XII12, n. 2, p. 97-107, 2024, p. 97-107.

PÉREZ-VERDUGO, Marta., & BARANDIARAN, Xabier. E. Personal Autonomy and (Digital) Technology: An Enactive Sensorimotor Framework. **Philosophy & Technology**, v. 36, (n. 4), 84, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s13347-023-00683-y>.

SIMONDON, Gilbert. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. São Paulo, SP: Editora, 34, 2020a.

SIMONDON, Gilbert. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020b.

THORPE, Charles; WELSH, Ian. Beyond primitivism: Towards a twenty-first century anarchist theory and praxis for science and technology. **Anarchist Studies**, v. 16, n. 1, pp. 48-75, 2008.

Recebimento: 30/1/ 2026

Avaliação: 19/4/2026

Aceite: 10/7/2026



www.revistabrasileiradeestudoscts.com

Essa publicação é exclusiva da Rev. Bras. Est. CTS.
A tradução e a revisão dos textos submetidos
são de inteira responsabilidade dos autores e co-autores.

Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da
Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



**Revista Brasileira
de Estudos CTS**

Mantenedora

